



Capítulo I

NO AVIÃO DE JAIME

Didi, a catatua, estava desolada. Tinham-na deixado completamente só durante todo o dia, e o bicho, zangado, não parava de palrar consigo próprio.

«Que pena, que pena, que pena, pobre *Didi*, pobre animal! Viva o rei! É o r-r-rei que vai à caça. Bom dia, bom dia!»

A Sr.^a Mannering veio espreitar à porta do quarto onde estava a *Didi*.

«Não sejas tonta, *Didi*. Todo o dia a falar sozinha! Os teus amigos já não podem tardar.»

«Pobre *Didi*», fez a *Didi* em tom lamentoso e batendo castanholas com o bico.

«Faz-te cá falta o João, não é?», observou a Sr.^a Mannering entretanto, fechando a porta com cuidado. «Ele já não se demora, *Didi*. Vais ver que não tarda que estejas a ouvi-lo. Portate bem e não faças mais barulho.»

A *Didi* abriu o bico, engoliu e fez a sua já famosa imitação do comboio, apitando à entrada dum túnel. A Sr.^a Mannering tapou os ouvidos.

«És mesmo má! Quantas vezes te tenho dito que não faças isso?»

«Quantas vezes te tenho dito que feches a porta, feches a porta, feches a porta», replicou a *Didi*, emproando-se tão descaradamente que a Sr.^a Mannering lhe deu uma pancadinha no bico, dizendo:

«És um bicharoco levado da breca. Mas escuta: parece que vêm aí os pequenos. Imagina que foram de avião, sabes, *Didi*? Foi por isso que tiveste de ficar cá sozinha.»

«João, João, João!», gritou a *Didi* ao ouvir a voz do dono. Os quatro pequenos irromperam pelo quarto com as faces vermelhas de entusiasmo.

— Ora, vivam! — exclamou a Sr.^a Mannering. — Então, gostaram? Foi divertido andar lá em cima, tão alto?

— Oh, mãe! Nem faz ideia de como nos divertimos!

— Tia Lia, assim que eu for crescido hei-de comprar um avião.

— A mãe devia ter vindo connosco. Jaime pilotou o avião que foi uma maravilha!

— E eu não enjoei, tia Lia, embora o Jaime me tivesse dado um saco de papel para qualquer eventualidade...

A Sr.^a Mannering ria-se. Falavam os quatro todos ao mesmo tempo, e ela via-se atrapalhada para conseguir perceber o que diziam. A *Didi* deu um gritinho de contentamento e voou para o ombro de João.

Então, os quatro pequenos lá se sentaram e prepararam-se para relatar a aventura do dia. Eram eles Filipe e Dina, filhos da

Sr.^a Mannering, de olhos e cabelos escuros como os da mãe e também com um engraçado tufo de cabelos que teimava em não assentar. Era por isso que tanto a Dina como Filipe tinham a alcunha de *Trunfa* no colégio. Depois havia os outros dois, João e Maria da Luz, que eram irmãos, não tinham pai nem mãe e viviam com a «tia Lia», como eles chamavam à Sr.^a Mannering. Os quatro eram amigos e unidos como irmãos.

João e Maria da Luz eram muito parecidos. Ambos de cabelos ruivos e olhos verdes, tinham tantas sardas que era quase impossível descobrir-lhes um bocadinho de pele branca no rosto, nos braços ou nas pernas. Por isso, não admirava que chamassem tantas vezes *Pintinhas* ao João.

Didi, a catatua, pertencia-lhe. Já a tinha há anos; era um bicho divertido e palrador, com um jeito notável para repetir o que ouvia e para imitar qualquer ruído, desde o de uma máquina de costura até ao apito dum comboio. Adorava João e ficava desolada quando se via separada dele.

João tinha uma verdadeira paixão por pássaros e Filipe gostava de bichos de todas as espécies. Era dotado de um dom muito especial para os atrair, a ponto de eles lhe obedecerem e gostarem dele dum modo inexplicável. Trazia sempre com ele qualquer bicharoco estranho, facto que provocava discussões entre ele e a irmã, Dina, que se assustava com quase todos os animais. Mas agora nenhum deles pensava em coisa alguma senão naquele maravilhoso passeio no avião do amigo Jaime.

Jaime Smugs era um amigo dedicado. Ele e os pequenos já tinham vivido juntos aventuras de pôr os cabelos de pé. Uma vez haviam descido até ao fundo duma velha mina de cobre, permitindo que uns falsários muito perigosos fossem capturados. De outra vez deram com o antro de uns perigosos espíões. Como Jaime Smugs costumava dizer, aqueles pequenos apareciam, sem se saber como, «no meio de aventuras extraordinárias.»

Ora, acontece que tinham oferecido a Jaime um belo avião, aparelho de grande utilidade na profissão dele. Os pequenos ti-

nham ficado doidos de entusiasmo quando ele lhes escrevera para o colégio a contar o facto.

— Vais ver que nos vai proporcionar um passeio — observou João. — Vais ver.

— Senão, nós pedimos-lhe — respondeu Filipe. Mas não foi preciso pedir, porque Jaime estava desejoso de lhes mostrar o avião e de, apesar de ter poucas lições, fazer ver como era capaz de pilotar bem.

— A mãe faz lá ideia! Subimos muito acima das nuvens — explicou Dina. — E quando me pus a olhar para elas não pareciam nuvens. Era mesmo um grande campo coberto de neve. Que sensação estranha!

— Eu tinha um pára-quedas amarrado a mim para o caso de cair, e Jaime mostrou-me o cordão que eu devia puxar se houvesse perigo — afirmou Maria da Luz, a mais nova, com os olhos a brilhar. — Mas não houve perigo.

— Sobrevoámos até a nossa antiga casa, a Casa do Penhasco — explicou Filipe. — Não faz ideia como era estranha, assim vista de cima. E também passámos por aqui, mãe. A nossa casa parecia uma casinha de brincar.

— Ó tia Lia, o Jaime diz que é ainda mais engraçado voar de noite, porque se vê a terra coberta de pontinhos luminosos — cortou João. — Fartámo-nos de lhe pedir que nos levasse num voo nocturno, mas ele diz que tem de vir cá pedir-lhe licença. Vai dar, não vai? O que não dirão os rapazes lá da escola quando eu lhes contar que subimos de avião de dia e de noite.

«Dia e noite», repisou a *Didi*. «lá vai uma...»

— Anda com a cantiga das pombinhas na cabeça — lembrou João. — O pequenito daqui do lado leva o dia a cantarolar e a *Didi* escuta e aprende bocadinhos. Ontem só falava na «saía da Carolina», hoje é «Lá vai uma». Que será amanhã?

«A loja do mestre Ané», interrompeu a *Didi*, amavelmente.

«André, André», corrigiu João. «Não é Ané.»

«Ané, Ané, Ané», repetiu a *Didi*, coçando solenemente a cabeça com a pata. «Ané, Ané...»

«Pronto, está bem», atalhou João. — Tia Lia, vai deixar-nos ir à noite com o Jaime? Amanhã vem ele cá pedir-lhe. Dá licença, não dá?

— Que remédio tenho eu — respondeu a Sr.^a Mannering, rindo. — Vocês e o Jaime! Desde que não se atirem de cabeça para o meio de alguma aventura horrível.

— As aventuras não são horríveis; são formidáveis! — rectificou Filipe.

— Mas não para quem está de fora — respondeu a Sr.^a Mannering. — Às vezes até me sinto mal só de pensar nas aventuras em que vocês andaram envolvidos. Agora já basta.

— Está bem. Este Verão não nos meteremos em mais aventuras — prometeu Maria da Luz, abraçando a tia. — Não havemos de dar-lhe preocupações. Eu também não quero mais. Já me chegaram as outras.

— Maricas! — exclamou Dina desdenhosamente. — Deixa estar que se entrarmos noutra, deixamos-te à parte, Maria da Luz.

— Isso é que não deixamos — interrompeu Filipe, dando um encontrão a Dina. — Não podemos passar sem a Luzinha.

— Juizinho e nada de discussões — disse a Sr.^a Mannering, prevendo a formação duma das habituais e intermináveis querelas. — Vocês estão cansados depois de tanta excitação. Entretenham-se sossegadamente até ao jantar.

«O jantar está na mesa», observou a *Didi*. Os pequenos desataram a rir.

«És uma pateta, *Didi*», disse João com afecto. «Tiveste saudades nossas? Eu tive medo que fugisses se te levássemos. Mas eras capaz de te portar bem, não eras, sempre empoleirada no meu ombro?»

A *Didi* pôs-se a debicar delicadamente a orelha de João, emitindo sons carinhosos e colocando-se bem junto dele. Os pequenos começaram a falar das emoções do dia.

— Foi uma beleza, nós a passarmos a porta com os nossos cartões de ingresso e a irmos ter com o Jaime, como se fôssemos crescidos — observou Filipe. — E que rico avião o de Jaime!